



ARTIGO

**IDEIAS EM MOVIMENTO:
UM DIÁLOGO ENTRE EMMA
GOLDMAN E FRANCISCO
FERRER Y GUARDIA**

Nilciana Alves Martins

Bacharela e licenciada em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Atualmente é mestranda em História pelo Programa de Pós-Graduação da UFJF, na linha de "Narrativas, Imagens e Sociabilidades".

Resumo

O presente trabalho busca refletir sobre qual era a perspectiva da anarquista e feminista Emma Goldman em torno da proposta pedagógica de Francisco Ferrer. Dada a necessidade inicial de compreender qual era a proposta de Ferrer, analisaremos sua principal obra, "A Escola Moderna", escrita em 1909. Enquanto Ferrer estava encarcerado em Montjuic, Goldman foi uma das figuras que, nos Estados Unidos da América, mobilizou suas redes de sociabilidade em defesa do anarquista espanhol. Além disso, Goldman participou da criação do projeto Francisco Ferrer Association, como também escreveu sobre Ferrer e sua proposta pedagógica. Dito isso, fica evidente a existência de um "diálogo intelectual" entre esses dois personagens e, nesse sentido, para compreender a perspectiva de Goldman, investigaremos o seu artigo "Francisco Ferrer y la Escuela Moderna" e sua conferência denominada "La importancia social de la Escuela Moderna". Por fim, pretendemos compreender, à luz da proposta metodológica desenvolvida pelo historiador britânico Quentin Skinner, qual era a perspectiva intelectual de Goldman no que se refere à produção teórica e atuação política de Francisco Ferrer.

Palavras-chave: Emma Goldman, Francisco Ferrer, História Intelectual.

Introdução

Francisco Ferrer¹, filho de agricultores católicos, nasceu na Catalunha, em 1859. Ainda adolescente, tornou-se um trabalhador do comércio e, de forma autodidata, estudou as ideias republicanas. Inicialmente, dada sua atuação enquanto republicano radical, isto é, em virtude de sua performance em insurreições republicanas que marcaram a Espanha daquele contexto, F.F. exilou-se em Paris. Sua estadia na França permitiu que ele entrasse em contato com pensadores libertários ligados ao universo educa-

Abstract

The present work seeks to reflect on what was the perspective of anarchist and feminist Emma Goldman about Francisco Ferrer's pedagogical thought. Given the initial need to understand Ferrer's proposal, we will analyze his main work, "The Modern School", written in 1909. While Ferrer was incarcerated in Montjuic, Goldman was one of the figures who, in the United States of America, mobilized his sociability networks in defense of the Spanish anarchist. In addition, Goldman participated in the creation of the Francisco Ferrer Association project, as well as writing about Ferrer and his pedagogical proposal. That said, the existence of an "intellectual dialogue" between these two characters is evident and, in this sense, to understand Goldman's perspective, we will investigate his article "Francisco Ferrer y la Escuela Moderna" and his conference called "La importancia social de la Escuela Moderna". Finally, we intend to understand, in the light of the methodological proposal developed by the British historian Quentin Skinner, what Goldman's intellectual perspective was with regard to the theoretical production and political performance of Francisco Ferrer.

Keywords: Emma Goldman, Francisco Ferrer, Intellectual History.

cional. Foi ali também que ele conheceu a senhorita Meunier, personagem que foi responsável por doar a quantia que possibilitou que Ferrer retornasse a Espanha, em 1901, para fundar a Escola Moderna de Barcelona (GALLO, 2013).

Em 1906, ocorreu o atentado contra o rei espanhol Afonso XIII e, como se sabe, Mateo Morral (1880-1906) foi o responsável por aquela ação política. Visto que Morral tinha sido bibliotecário de F.F., no inquérito, esse último foi considerado mentor do atentado. E, com sua prisão em 1906, a Escola Moderna foi fechada e seus materiais confiscados. Em 1907,

Ferrer foi inocentado e posto em liberdade, mas já não tinha mais os recursos necessários para reabrir a sua escola. Diante de tal situação, nosso personagem mudou-se para França e, posteriormente, passou pela Bélgica. Em Bruxelas, fundou a Liga Internacional para a Educação Racional da Infância e, em 1908, inaugurou o periódico *L'École Renouée*, revista criada pela referida Liga (GALLO, 2013). Esses projetos de Ferrer não passaram despercebidos, pois a imprensa anarquista internacional comentava sobre sua atuação e, na *Mother Earth*, revista criada por Emma Goldman², encontramos artigos refletindo sobre a *L'École Renouée*³.

Em 1909, F.F. retornou à Espanha que, naquele momento, se revoltava contra o serviço militar obrigatório. A multidão tomava as ruas e, esse contexto, ficou conhecido na historiografia como "A Semana Trágica". Novamente, F.F. foi perseguido pelas autoridades que, mesmo sem provas convincentes, o acusou de ser o mentor intelectual por trás daquelas agitações. Diante do encarceramento de Ferrer, inúmeras mobilizações, em diferentes partes do globo, foram criadas em sua defesa. Mesmo diante de tamanha rede de solidariedade, Ferrer foi executado pelo Estado e pela Igreja Católica espanhola. E, sua atuação enquanto criador da Escola Moderna foi colocada a todo o momento no inquérito como uma justificativa para sua punição, pois o auditor do processo concluiu que F.F. era chefe dos anarquistas, seu "mentor intelectual, e que todas as revoltas populares ocorridas na Catalunha na época eram resultado de suas ações insidiosas de educação popular para construir a revolução social" (GALLO, 2013, p.249). Por fim, Francisco Ferrer foi fuzilado, sendo suas últimas palavras um: "Viva a Escola Moderna!".

Como bem salientou Louise Michel (1830-1905), "não se pode matar a ideia a tiros nem amarrá-la" e, por isso, mesmo com a morte de Ferrer, sua ideia "atravessou o Atlântico e chegou ao Brasil e aqui fin-

cou raízes sólidas plantadas pelas mãos de militantes que dedicaram, assim como Ferrer, suas vidas à educação e formação de uma nova humanidade" (BIBLIOTECA TERRA LIVRE, 2014). O periódico brasileiro *A Lâmpada*, por exemplo, em 1912, publicou um texto de José Oiticica (1882-1957) sobre a proposta educacional de Francisco Ferrer. Em 1913, nas páginas do mesmo jornal, vemos um artigo de Neno Vasco (1878-1920) fazendo referência à figura de Ferrer. Tal situação não é uma exceção, pois, de fato, principalmente a partir de 1909, Ferrer vai ser um dos temas da imprensa anarquista de diferentes países.

Goldman também ouviu o último grito de Ferrer, abraçando o apelo do "Viva a Escola Moderna!" e, nesse sentido, o presente trabalho busca compreender como Francisco Ferrer, isto é, seu projeto pedagógico e sua atuação política, apareceu nos escritos de Emma Goldman. E, para cumprir tal tarefa, selecionamos dois trabalhos de E.G., sendo eles: "*Francisco Ferrer y la Escuela Moderna*" e o "*La importancia social de la Escuela Moderna*". Visto que, em grande medida, pretendemos pensar sobre a produção intelectual de E.G., nossa metodologia é baseada na proposta traçada por Quentin Skinner, no artigo "*Meaning and Understanding in the History of Ideas*". No referido artigo, Skinner buscou entender quais eram os procedimentos adequados para se alcançar a compreensão de uma obra. Com o objetivo de responder essa questão de maneira a romper com as soluções mais ortodoxas, isto é, romper com as perspectivas metodológicas que apostavam no "contexto" ou na "autonomia do texto", Skinner elaborou uma metodologia alternativa para a História das Ideias.

Inicialmente, o historiador "anatomizou" os absurdos históricos oriundos da adoção, no que se refere ao campo da História das Ideias, dessas duas metodologias mais tradicionais. Para ele, a adoção

¹ A partir de agora trataremos Francisco Ferrer pela sigla "F.F".

² A partir de agora trataremos Emma Goldman pela sigla "E.G".

³ Vera seguinte edição da *Mother Earth*: Vol. IV, No.9, November 1909.

⁴ Os artigos foram, inicialmente, escritos em inglês. Entretanto, no presente trabalho, optou-se por utilizar a versão em espanhol dos mesmos. A versão que utilizamos pode ser encontrada no livro GOLDMAN, Emma. "*La palabra como arma*". - 1ª ed. - Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terramar, 2010.

desse procedimentos, que partiam do “contexto” ou da “autonomia do texto”, levava à criação de *mitologias*: como a mitologia das doutrinas, da coerência, do localismo, etc. Para Skinner, a saída para a História das Ideias seria adotar uma metodologia que se preocupasse com as seguintes questões metodológicas: a intenção do autor, o significado daquela obra para o próprio agente e, claro, o uso das palavras e seus significados dentro da obra e pensamento em questão. E, no presente artigo, adotamos como base a metodologia sugerida por Skinner, visto que pretendemos compreender a produção intelectual de Goldman em sua complexidade.

A essa altura se faz necessário pensar sobre quem foi Emma Goldman, objeto principal desse estudo. A pensadora nasceu em 1869, em Kovno, região que naquele momento era parte do Império Russo. Em 1881, dado o aumento do antissemitismo, a família Goldman mudou-se para São Petersburgo. Na capital, E.G. se viu obrigada a abandonar os estudos e a começar a trabalhar em uma fábrica de espartilhos para ajudar nas finanças da casa. Tal estadia na capital foi importante para a formação intelectual de E.G., pois, ali, a jovem Emma entrou em contato com obras niilistas (GOLDMAN, 2015, p.22) e, como aponta Shulman, com um contexto revolucionário, visto que “la revolución flotaba en el aire de Petersburgo. Allí, la ya rebelde Emma supo que en Rusia había mujeres revolucionarias que vivían para sí mismas y para la revolución” (2009, p.8).

Em 1885⁵, E.G. emigrou para os Estados Unidos da América e, ao chegar em Rochester, trabalhou em diferentes estabelecimentos. Em 1886, em virtude

do impacto que a *Revolta de Haymarket* teve em sua trajetória, E.G. resolveu dirigir-se a Nova Iorque para, assim, estreitar laços com os círculos anarquistas da época. Ao chegar a Nova Iorque, E.G., por convite de um conhecido, foi até ao café Sach’s “onde se reuniam ‘os radicais, socialistas e anarquistas, escritores judeus e poetas, falando ídiche e russo’” (LOBO, 1983 p.20), foi nesse café que ela conheceu figuras como o anarquista Alexander Berkman (1870-1936).

Inicialmente, E.G. se aproximou de Johann Most (1846-1906), personagem que, na época, era uma figura de extrema relevância dentro do movimento anarquista, sendo diretor do periódico *Die Freiheit*. Foi, por sugestão de Most, que E.G. iniciou sua carreira como oradora pública. Entretanto, dentro de pouco tempo, a anarquista se viu obrigada a romper com o periódico em questão, pois a proposta do *Die Freiheit* e, conseqüentemente, a de Most, era criticar “as ilusões e o desgaste das lutas pela jornada de oito horas” (LOBO, 1893, p.25).

Sim, inicialmente, E.G. abraçou a ideia de Most, mas, devido às discussões levantadas pelos trabalhadores após suas intervenções públicas, Goldman percebeu “que estava cometendo um crime contra mim mesmo e contra os trabalhadores ao servir como um papagaio que repetia as visões de Most” (GOLDMAN, 2015, p. 41-42) e, tal situação, a curou “daquela fé infantil na infabilidade de meu professor e imprimiu em mim a necessidade de pensamento independente” (Idem). Após seu afastamento em relação a Most, E.G. se aproximou do jornal *Die Autonomie* pois, segundo ela, “seus princípios eram mais próximos do que o anarquismo havia passado a significar para mim, mais do que os do *Freiheit*. O *Autonomie* enfatizava mais a liberdade do indivíduo e a independência dos grupos” (Ibid.; p.57).

O ano de 1892 é outro marco na trajetória de E.G., pois, após a sua participação na *Revolta de Homestead*, nossa personagem tornou-se, em grande medida, uma figura pública. Com a ajuda de E.G., seu companheiro, Alexander Berkman, elaborou um atentado contra Henry Frick, diretor da Companhia

Carnegie Steel. Após o atentado, Berkman, assim como E.G., “tornou-se a besta negra da sociedade americana” (LOBO, 1983 p.30). Tal situação, além de fazer de E.G. uma figura pública que, não raro, era perseguida e representada de maneira negativa por inúmeros periódicos da época, gerou um desdobramento na própria perspectiva de E.G. sobre esse tipo de ação política.

Já em 1893, E.G. foi presa⁶ sob a acusação de incitar a desordem durante as agitações que ocorreram na *Union Square*. Encarcerada na *Blackwell's Island*, E.G. vivenciou as mazelas do sistema penitenciário e, posteriormente, escreveu sobre elas em “*Vivendo Minha Vida*”. Fato é que, na prisão, Goldman tornou-se enfermeira e buscou ler autores como “Walt Whitman, Emerson, Thoreau, Spencer, John Stuart Mill e muitos outros autores ingleses e americanos” (GOLDMAN, 2015, p. 107). Em 1895, já em liberdade, nossa personagem, com a ajuda financeira de companheiros de luta, se dirigiu até a Europa, com o objetivo de obter o diploma de enfermeira e o de parteira.

Já na Europa, ao estudar na *Allgemeines Krakenhause*, E.G. acabou se aproximando da literatura moderna, tornando-se, por fim, grande admiradora dos escritos de Friedrich Nietzsche (1844-1900) e das palestras do professor Sigmund Freud (Ibid.; p.127). Durante o ano que passou na Europa, E.G. continuou atuando como oradora pública e conheceu figuras importantes do movimento anarquista, como Errico Malatesta (1853-1932), Piotr Kropotkin (1842-1921) e Louise Michel. Tal estadia e, conseqüentemente, o contato com aquela atmosfera intelectual, influenciaram intensamente a perspectiva teórica de Goldman, como é possível verificar ao analisar seus escritos.

Em 1896, E.G. já estava em solo norte-americano atuando como oradora pública. Em 1900, ela retornou à Europa, onde participou do Congresso Anarquista que ocorreu em Paris naquele ano. Em

1901, de volta aos Estados Unidos, E.G. teve que lidar com a histeria da esfera pública da época que a acusava de ser a responsável pelo assassinato do presidente William McKinley. A anarquista chegou a ser presa, mas não foi condenada, visto a inexistência de provas que comprovassem seu envolvimento no caso. Posteriormente, souberam que a pessoa por trás do atentado era Leon Gzolgoz (1873-1901). E.G., então, adotou uma posição pública de defesa do rapaz, entretanto, apesar dos esforços da anarquista, Gzolgoz foi executado pelo Estado. Já em 1903, E.G. participou de organizações contrárias ao Ato de Exclusão Anarquista.

Como aponta Lobo (1893, p. 88), em 1907, E.G. participou do Congresso Anarquista de Amsterdã e tornou-se defensora do planejamento familiar, integrando a campanha pelo *Birth Control*. A essa altura, é válido lembrar que a prática enquanto parteira fez com que E.G. se aproximasse das situações desesperadoras as quais as mulheres, por não terem acesso a métodos contraceptivos, estavam submetidas. Em 1916, isto é, em um contexto de ampla perseguição a personagens como Margaret Sanger⁷, E.G. intensificou sua campanha pelo *Birth Control*, sendo presa sob a acusação de ter violado a *Lei Comstock*⁸, passando, por isso mesmo, duas semanas em um ambiente de trabalhos forçados.

Em 1906, E.G. fundou o periódico *Mother Earth* que, por sua vez, funcionou até 1917. A revista versava sobre diferentes temáticas e, em grande medida, serviu para publicizar o pensamento intelectual de Goldman, bem como de outros intelec-

5 Existem controvérsias em relação à data exata em que E.G. chegou aos Estados Unidos da América. Elisabeth Souza Lobo (1983, p.86) propõe que E.G. teria chegado no ano de 1885; já na introdução de “*O Indivíduo, a Sociedade e o Estado, e outros ensaios*”, livro da editora Hedra, que teve sua primeira edição 2007, é dito que o ano seria o de 1886. Entretanto, a versão em português da autobiografia de E.G., lançada em 2015, a data considerada é a de 1889. De qualquer forma, consideramos, no presente trabalho, que E.G. chegou aos EUA em 1885, como aponta Elisabeth Souza Lobo em seu livro e como é possível verificar no site do projeto *The Emma Goldman Papers*, ligado à Universidade da Califórnia em Berkeley.

7 Margaret Sanger, ativista feminista que lutava pelo direito das mulheres a terem acesso aos métodos de “controle de natalidade”. Também foi fundadora da revista *The Woman Rebel*.

8 Anthony Comstock (1844-1915) foi um inspetor e político norte-americano dedicado a refletir sobre temas ligados à moralidade. Ademais, surgiu, naquele contexto, uma lei em sua homenagem, a lei federal que entrou em vigor, nos Estados Unidos, em março de 1873 e que, por sua vez, tornava ilegal qualquer material “imoral”, o que incluía os métodos contraceptivos. Devido a tal legislação a ativista feminista Margaret Sanger (1879-1966) foi presa, como também foi E.G., após atuar em defesa do livre acesso das mulheres a diferentes tipos de métodos contraceptivos.

tuais da época. Ainda em 1910, E.G. lançou o livro *“Anarchism and Other Essays”* e, em 1914, publicou o *“The Social Significance of the Modern Drama”*. Já em 1919, E.G. foi deportada para Rússia, isso em virtude de sua militância pública contra o alistamento militar obrigatório, e lá permaneceu até 1921. Após sua participação no processo revolucionário russo, E.G. publicou, em 1923, sua obra *“My Disillusionment in Russia”*, na qual fez uma severa crítica ao Estado Bolchevique. Em 1931, a anarquista lançou sua autobiografia, denominada *“Living My Life”*. Mesmo com a idade mais avançada, E.G. continuou sua atuação como oradora pública e, em 1936, manteve relações com o grupo espanhol *Mujeres Libres*. Nossa pensadora morreu em 1940, no Canadá.

Como aponta a historiadora Margareth Rago, E.G. tratou de questões muito complexas, como a exploração capitalista, o imperialismo e a opressão de gênero (RAGO, 2011, p.263). Entretanto, mesmo E.G. sendo criadora de um pensamento intelectual significativo, por muito tempo, sua perspectiva intelectual foi negligenciada por boa parte da historiografia. Segundo Bianchi, “la mayor parte de los estudiosos ha subestimado la contribución de la anarquista rusa en el plano teórico” (2009., p.144) e, não raro, E.G. foi retratada como “una divulgadora de las teorías de los demás, en particular de Bakunin y de Kropotkin” (Idem). Mas, vale ressaltar que, a partir da década de 1980, contexto esse que marcou mudanças significativas na forma de se entender e fazer História, percebemos emergir novos estudos que tinham como objeto de estudo Emma Goldman, o que contribuiu para uma diminuição dessa negligência historiográfica inicial.

No que se refere à produção brasileira sobre E.G. é importante destacar o trabalho pioneiro de Elisabeth Lobo que, no livro *“Emma Goldman - A vida como Revolução”* (1983), faz um resgate biográfico da personagem em questão. Ainda dentro dessa lógica, vale lembrar da dissertação de mestrado de Liane Perts Richeter que, em 1998, defendeu o trabalho *“Emancipação Feminina e moral libertária: Emma Goldman e Maria*

Lacerda de Moura”. Já, quando se analisa a historiografia internacional⁹, percebe-se que a maioria dos escritos que tiveram E.G. como objeto de estudo foram desenvolvidos em torno de um espectro biográfico.

Já no que se refere a Francisco Ferrer, como sua produção intelectual aparece na historiografia? Pois bem, até hoje, muitos se formam na modalidade de licenciatura sem, ao menos, conhecer o projeto pedagógico racionalista – libertário de Ferrer. Por mais que nosso personagem não seja, *stricto sensu*, uma figura presente no processo de formação de professores, observa-se a existência de pesquisadores brasileiros que se dedicaram a estudar a figura e produção intelectual de Francisco Ferrer. Sendo válido ressaltar a produção de pessoas como Silvio Gallo (1992, 1995, 2007), José Damiro de Moraes (1999, 2005) e Flávio Venâncio Luizetto (1984). Pesquisadores internacionais também merecerem ser lembrados, como Maurice Dommanget (1972) e Pere Solá (1978).

Dito isso, percebe-se que pouco se sabe sobre a relação entre Francisco Ferrer e Emma Goldman e, nesse sentido, a presente pesquisa visa exatamente dar conta de compreender como a proposta pedagógica e a atuação política de F.F. apareceram nos escritos de E.G. contribuindo, assim, para a construção

9 Como aponta George Iggers “desde os anos de 1980, não somente as temáticas sobre mulheres e gênero adquiriram crescente importância na historiografia, mas também sobre raça, etnia e pertencimento de classe” (2010, p.110). É nessa mesma década que se deu o início do *Emma Goldman Papers Project* (EGPP), projeto ligado à Universidade da Califórnia, em Berkeley que, por sua vez, contribuiu para a organização, preservação, catalogação e publicação de escritos e demais fontes ligadas à figura de Goldman. Mesmo sendo possível afirmar que foi a historiografia norte-americana a que mais se dedicou a pesquisar E.G., ainda sim, a maior parte desses estudos possuíram um tom biográfico que, não raro, negligenciaram a produção intelectual da anarquista. Sendo um emblema de tal situação, o fato de que R. Drinnon, em *“Rebel in Paradise: A Biography of Emma Goldman”* considerar que E.G. “no fue en absoluto una pensadora política y social relevante” (1961, p.314, apud Bianchi, 2009, p.144). Entretanto, é possível encontrar relevantes trabalhos norte-americanos sobre E.G., com destaque para a produção de A. Wexler; Paul e Karen Avrich e C. Falk. De qualquer maneira, a presente pesquisa, mesmo que possa usar como auxílio alguns desses trabalhos, é dotada de originalidade, visto que os autores citados não tratam a questão que é fundamento para nós, isto é, a perspectiva intelectual de E.G. em torno da proposta pedagógica e da atuação política de Francisco Ferrer.

de uma historiografia que não negligencie a complexidade do pensamento intelectual de Goldman. E, para cumprir os objetivos da presente pesquisa, no item 2, será realizada uma análise crítica da obra *“A Escola Moderna”*, buscando, com isso, entender os aspectos primordiais da proposta de Ferrer. Em seguida, no item 3, ao analisar os artigos *“Francisco Ferrer y la Escuela Moderna”* e o *“La importancia social de la Escuela Moderna”*, abordaremos questões relativas à perspectiva da própria E.G. e, por fim, chegaremos a algumas conclusões.

A proposta pedagógica de Francisco Ferrer: não há deveres sem direitos; não há direitos sem deveres

As ideias de Ferrer ressoam e permanecem à espreita, aguardando aqueles indignados com a situação do mundo que estejam dispostos a atualizá-las, produzindo novas práticas educativas e sociais
(Silvio Gallo, 2014).

Em 1975, ao escrever *“Vigiar e Punir: Nascimento da prisão”*, Michel Foucault mostrou que a escola moderna, assim como a prisão, eram, não raro, ambientes autoritários. Entretanto, apesar dos muitos aspectos inéditos presentes nas obras do filósofo francês, pode-se dizer que ele não foi o primeiro a tecer esse tipo de crítica ao sistema educacional moderno. Como apontou Silvio Gallo, o próprio Francisco Ferrer realizou uma crítica “contra uma escola que não forma e não educa, apenas molda os estudantes segundo aquilo que um Estado autoritário deseja para manter um sistema de dominação e exploração” (2014, p.11). Diante disso, Ferrer desenvolveu outro modelo educacional, pois em sua concepção, seu projeto pedagógico racionalista – libertário seria capaz de gerar um espaço para o livre desenvolvimento das potencialidades humanas. Ao falar sobre a pedagogia de Ferrer, Gallo afirmou que (Ibid.; p.13):

A essa proposta pedagógica fortemente calcada nas ciências naturais (com profunda influência, pois, da filosofia positivista), mas atenta aos problemas sociais (o que, por sua vez, a afastava daquela ideologia), Ferrer denominou *‘pedagogia racional’* [grifo nosso]. Um processo educativo que eduque pela razão, para que cada ser humano seja capaz de raciocinar por si mesmo, conhecer o mundo e emitir seus próprios juízos de valor, sem seguir nenhum mestre, nenhum guia. *“Não se pense, porém, que ele defendia um racionalismo extremado* [grifo nosso]. Para ele, o ser humano não é apenas razão, mas um composto de razão, vontade, desejo e afeto, e um processo pedagógico não pode negligenciar nenhum desses aspectos.

Na obra aqui analisada, isto é, no livro *“A Escola Moderna”*, F.F. reuniu suas reflexões em relação a sua proposta de pedagogia racional, como também escreveu sobre o funcionamento da Escola Moderna de Barcelona (1901-1906) que, por sua vez, seguiu o seu modelo racionalista – libertário. Nas primeiras páginas do livro, F.F. dedicou um espaço para mostrar os motivos de seu afastamento dos círculos republicanos e, em seguida, revelou a importância que sua estadia na França e, conseqüentemente, que sua atuação, enquanto professor de espanhol na Associação Fitotécnica, tiveram para a fundação da Escola Moderna. Pois, afinal, foi ali que F.F. conheceu a “senhorita Meunier” e, essa sua ex-aluna, foi a responsável por lhe doar o dinheiro que foi utilizado para estabelecer a Escola Moderna em Barcelona. A senhorita Meunier “odiava os revolucionários” (FERRER, 2014, p.31), além de ser uma “católica convicta” (Idem), mas, dado seu contado com F.F., a mulher acabou vendendo-se “obrigada a reconhecer que nem todo irreligioso é perverso e nem todo ateu é um criminoso incorrigível” (Idem).

Diante disso, é possível questionar: porque Meunier doaria dinheiro para a fundação de uma escola libertária? Segundo F.F., dada as inúmeras conversas que ele teve com a senhorita, a mesma acabou por se

render à “forte lógica” (Ibid.; p.33) de seus argumentos e, nesse sentido, “concordou que uma educação racional e um ensino científico salvariam a infância do erro, dariam aos homens a bondade necessária e reorganizariam a sociedade em conformidade com a justiça” (Ibid.; p.32). Aqui, conseguimos perceber a importância que conceitos como “lógica” e “razão” possuem dentro do pensamento de Ferrer, como também o significado específico que esses termos adquirem dentro do vocabulário epistêmico do pedagogo.

Por fim, o anarquista propôs que Meunier abraçasse suas ideias dadas à “lógica” presente nas mesmas (Idem), em virtude de ouvir suas considerações “não como indicações diretas, mas como resposta natural e réplica às suas tentativas de proselitismo” (Ibid.; p.33) e, por isso, “viu logo que, por falta de *lógica*, posto que antepunha a fé à *razão*, seus raciocínios débeis fracassaram perante a *forte lógica dos meus* [grifo nosso]” (Idem). É possível que F.F. tenha decidido por esclarecer essa questão em seu livro, pois, a imprensa católica e conservadora da época, o acusava de ter se “aproveitado” de Meunier, buscando, com isso, criar uma dada imagem em torno de Ferrer.

A proposta pedagógica de Ferrer era baseada na ideia de apoio mútuo, em uma valorização das ciências naturais¹⁰ e, em grande medida, ela mantinha um diálogo com a filosofia positivista. Mesmo que Ferrer valorizasse conceitos como o de “razão”, “lógica”, “verdade”¹¹, “científico”, pode-se perceber

que o libertário não negligenciava as outras esferas que compõe o humano, como a questão da afetividade, dos sentimentos, entre outras. Um exemplo disso é que, ao elaborar o fundamento da Escola Moderna, Ferrer expôs que (Ibid.; p.43-44):

Não se educa integralmente o homem disciplinando sua inteligência, fazendo caso do coração e relegando a vontade. O homem, na unidade de sua funcionalidade cerebral, é um complexo; tem várias facetas fundamentais, é uma energia que vê, afeto que rejeita ou adere ao concebido, e vontade que se cristaliza em atos, o percebido e amado. Estabelecer um abismo no qual deveria haver uma sadia e bela continuidade é um estado mórbido, que luta contra as leis do organismo do homem, e com certeza é moeda corrente do divórcio entre o pensar e o querer. Ligadas a isso, quantas consequências fatalíssimas! Não é preciso olhar mais nada além dos diretores da política e de todas as ordens da vida social: são afetados profundamente por um dualismo pernicioso semelhante. Muitos deles serão indubitavelmente potentes em suas faculdades mentais; possuirão riqueza de ideias; até compreenderão a orientação real e, por todos os conceitos, formosa, que prepara a ciência para a vida do indivíduo e dos povos. Contudo, seus desatentados egoísmos, as próprias conveniências de suas afinidades [...] tudo isso, misturado com o fermento dos sentimentos tradicionais, impermeabilizará seus corações, para que não sejam filtradas neles as ideias progressivas que têm, e não sejam convertidas em substância de sentimento, que, por fim e cabo, é o propulsor, o determinante imediato da conduta do homem [...] Porque o sentimento, quando é forte, penetra e se

é pior, dar-lhes uma verdade dogmática e oficial em contradição com a ciência para que aceite sem protesto seu estado ínfimo e deplorável sob um regime político democrático é uma indignidade intolerável, e julgo da minha parte que o protesto mais eficaz e a ação revolucionária mais positiva consistem em dar aos oprimidos, aos deserdados e a todos aqueles que sentem impulsos justiceiros essa verdade que lhes é escondida, determinante das energias suficientes para a grande obra da regeneração da sociedade”.

difunde pelo mais profundo do organismo do homem, perfilando e colorindo o caráter das pessoas.

Segundo F.F., a Escola Moderna “deveria ser não o protótipo perfeito da escola futura da sociedade racional, mas sua precursora, *a possível adaptação racional ao meio* [grifo nosso]” (Ibid.; p.35), ou seja, “a negação positiva da escola do passado perpetuada no presente” (Idem). O objetivo era fazer, ao usar métodos de ensinamentos racionais, isto é, baseados na experiência e na demonstração racional, com que as crianças “não acreditem em nada por fé [...] a criança se tornaria observadora e estaria preparada para todos os tipos de estudo” (Idem).

A Escola Moderna, para F.F., não era apenas uma escola laica, pois a primeira queria “educar a infância em toda a verdade e somente na verdade” (Ibid.; p.39) e, por isso mesmo, não se tratava de “criar mais um exemplar do que até hoje é conhecido com escola *laica*, com seus dogmatismos apaixonados” (Idem), mas um “observatório sereno [...] onde nenhuma nuvem obstrua o horizonte nem se interponha à luz do conhecimento humano” (Idem). A essa altura, é válido lembrar que a escola racional e científica de Ferrer se baseava no tripé: escola, editora e periódicos (revista e boletim), pois diante da inexistência de materiais escolares adequados para o desenvolvimento do projeto de F.F., se fez necessária a construção da editora, de uma biblioteca específica¹², como também a criação de um curso específico para a formação de professores¹³.

¹² Segundo Ferrer, “a Escola Moderna foi inaugurada antes que a biblioteca criada tivesse produzido sua primeira obra, mas esta, que foi publicada pouco depois, foi uma criação brilhante que exerceu grande influência sobre a instituição recente; se trata de “As Aventuras de Nono”, por Jean Grave [...] Editei dois livros a seguir, dedicados à leitura escolar. Não foram escritos para escolas, mas dediquei sua tradução à moderna, também com um êxito brilhante: um, o Caderno manuscrito, o outro, Patriotismo e colonização”. (FERRER, 2014, p.88-89)

¹³ Em seu livro, F.F. falou sobre a dificuldade de formar um professorado, pois até mesmo “os professores laicos espanhóis, inspirados e alentados pela propaganda livre-pensadora e pelo radicalismo político, se manifestavam melhor como anticatólicos e anticlericais do que como verdadeiros racionalistas” (Ibid.; p.65). E, diante de tal situação,

Uma das características da Escola Moderna de Barcelona era sua prática de coeducação de ambos os sexos¹⁴, algo que, na época, não era muito comum. Para F.F., a educação mista tinha uma relevância enorme, era não somente uma “circunstância indispensável para a realização do ideal que considero como resultado do ensino racionalista, mas como o próprio ideal, iniciando sua vida na Escola Moderna” (Ibid.; p.46). Para esclarecer seu posicionamento, F.F. reproduziu nas páginas de seu livro “*A Escola Moderna*”, o artigo “*A necessidade do ensino misto*”, escrito por ele e publicado inicialmente no segundo número do *Boletim* da Escola Moderna.

Ao ler o referido artigo, além de uma defesa da coeducação dos sexos, pode-se identificar parte da perspectiva de F.F. em relação às mulheres. Por mais que tenha prevalecido um tom democrático no texto, isto é, a ideia de que homens e mulheres deveriam ter acesso a uma escola racional e científica, como também o de que os homens deveriam parar de oprimir as mulheres, ainda sim, F.F. acabou, em alguns poucos momentos, por reproduzir uma visão essencialista em relação à mulher. Pois, afinal, percebe-se que F.F. partiu do pressuposto de que existem aspectos inerentes às mulheres, tais como: “o sentimento intenso” (Ibid.; p.47), “o elemento conservador” (Idem), “a intensidade afetiva” (Ibid.; p.48). De qualquer forma, F.F. não os via como um problema,

F.F. criou “uma Escola Normal, racionalista, para o ensino dos professores, sob a direção de um professor experiente e com a participação dos professores da Escola Moderna, onde se matricularam vários jovens de ambos os sexos” (Ibid.; p.66).

¹⁴ Mesmo a educação mista sendo uma prática da Escola Moderna, F.F. apontou que inicialmente evitou “propagar publicamente o meu propósito, reservando-me a fazê-lo privada e individualmente. A toda pessoa que solicitava a inscrição de um aluno, lhe pedia alunas se tinha meninas em sua família [...] Anunciado publicamente teria levantado mil preocupações, teria sido discutido na imprensa, os convencionalismos e o temor a *o que dirão*, terrível obstáculo que esteriliza infinitas boas disposições, teriam predominado sobre a razão e, se não destruído por completo, o propósito teria sido de difícil realização. Procedendo como procedi, garanti a apresentação de meninos e meninas em número suficiente no ato de inauguração, que sempre seguiu em progressão constante” (Ibid.; p.45-46).

pois, em diálogo com a ciência, tais características poderiam ser utilizadas de forma a criar um mundo melhor. Segundo F.F. (Ibid.; p.49) “a humanidade melhoraria com maior rapidez [...] pondo à contribuição do forte *sentimento impulsivo da mulher* as ideias que a ciência conquista [grifo nosso]”.

A coeducação das classes sociais também era uma entre as bases fundamentais da Escola Moderna. Segundo F.F., a fundação de uma escola exclusivamente pública, destinada somente a crianças pobres não poderia ter sido uma “escola racional, porque se não lhes ensinasse a credulidade e a submissão [...] teria lhes inclinado forçosamente à rebeldia¹⁵, teriam surgido espontaneamente sentimentos de ódio” (Ibid.; p.51). Já uma escola destinada prioritariamente a crianças ricas também não era o ideal desejado por F.F. pois, afinal, uma escola assim “não tem que se esforçar muito para demonstrar que por seu exclusivismo não pode ser racional. A própria força das coisas a inclinaria a ensinar a manutenção do privilégio e o aproveitamento de suas vantagens” (Ibid.; p.52). Por isso, a Escola Moderna praticou “uma espécie de nivelção que ia desde a gratuidade, as mensalidades mínimas, as medianas até as máximas” (Idem). Nas palavras de Ferrer (Ibid.; p.51-52), a Escola Moderna:

Opera sobre as crianças a quem pela educação e pela instrução prepara para serem homens, e não antecipa amores nem ódios, adesões nem rebeldias, que são deveres e sentimentos próprios dos adultos; em outros termos, não quer colher o fruto antes de tê-lo cultivado, nem quer atribuir uma responsabilidade de sem ter dotado a consciência das condições que devem constituir seu fundamento. Que as crianças

aprendam a serem homens, e quando o forem declarem-se em rebeldia em boa hora [...] A coeducação de pobres e ricos, que põe em contato uns com outros na inocente igualdade da infância, por meio da igualdade sistemática da escola racional, essa é a escola, boa, necessária e reparadora.

O espaço físico, as condições materiais necessárias para a criação de um espaço educacional que possibilitasse o livre desenvolvimento das potencialidades de cada discente, também foi uma preocupação de Ferrer. Dada a valorização que as ciências naturais tinham na proposta pedagógica de F.F., na Escola Moderna, era possível encontrar “lâminas de fisiologia vegetal e animal, coleções de mineralogia, botânica e zoologia; gabinete de física e laboratório especial; máquina de projeção; substâncias alimentares, industriais, minerais, etc” (Ibid.; p.39). Ademais, tinha-se uma grande preocupação com a higiene escolar¹⁶, com a profilaxia das enfermidades transmissíveis e, evidentemente, com a salubridade do edifício.

A ginástica, assim como os jogos, eram outros pontos valorizados no projeto pedagógico de Ferrer. Segundo ele, “o jogo funciona no desenvolvimento altruísta nas crianças. *A criança, em geral, é egoísta* [...] o jogo é quando as crianças devem ser orientadas para que pratiquem a lei da solidariedade [grifo nosso]” (Ibid.; p.63), pois as observações prudentes, os conselhos e “as reconvenções dos pais e professores devem ser encaminhadas nos jogos das crianças, para lhes provar que lhes é mais útil serem tolerantes e condescendentes com o amiguinho” (Idem). Dito isso, fica evidente que a função dos jogos na proposta de F.F. era não gerar competitividade, mas sim um ambiente de companheirismo, pois, afinal, a ideia desses jogos era para provar para as crianças

16 Na Escola Moderna existia uma preocupação em acompanhar o desenvolvimento físico e mental dos discentes. Tinha-se, dentro desse projeto pedagógico, um espaço destinado à educação e instrução sanitária e, por isso mesmo, as crianças ligadas à Escola Moderna tinham “conferências de higiene semanais ou quinzenais e as habituará às práticas higiênicas, lavagem das mãos, boca, banhos, natação, limpeza das unhas, etc”. (Dr. Martinez Vargas, s.d, s.p, apud FERRER, 2014, p.60).

“que a lei da solidariedade beneficia aos demais e ao mesmo que o produz” (Idem).

Ainda com o intuito de criar um ambiente igualitário, a Escola Moderna não aplicava provas, pois ela funcionava sob o lema “nem prêmio, nem castigo”. Segundo F.F., “na Escola Moderna não havia prêmios, nem castigos, nem provas em que houvessem alunos ensoberbecidos com a nota dez [...] nem infelizes que sofressem o opróbrio de se verem depreciados” (Ibid.; p.79). Dito isso, fica evidente que Ferrer criou estratégias para fazer do edifício da Escola Moderna um ambiente democrático, capaz de abraçar crianças de diferentes classes e sexos. A essa altura, é válido lembrar que o ensino oferecido pela Escola Moderna não atendia somente aos seus respectivos discentes, mas também à sociedade como um todo, pois era uma prática comum da referida escola uma “série de conferências dominicais públicas, à qual compareciam alunos, suas famílias e grande número de trabalhadores desejosos de aprender” (Ibid.; p.101).

A criação de um espaço verdadeiramente democrático, ainda na primeira década do século XX, eis o que foi a Escola Moderna.

A Escola Moderna por Emma Goldman

Na conferência “*La importancia social de la Escuela Moderna*”¹⁷, de 1911, é possível identificar argumentos formulados por E.G. que, por sua vez, dizem respeito ao universo educacional. Ao falar sobre as escolas da época, Goldman apontou que essas representavam para as crianças o que “*la prisión* para los convictos o los *cuarteles* para los soldados, un lugar donde todo es empleado para romper la voluntad del niño, y a partir de ahí *machacarlo, moldearlo y formarlo en un ser absolutamente extraño a sí mismo* [grifo nosso]” (GOLDMAN, 2010, p.161). Aqui, a metáfora entre a escola e a

17 GOLDMAN, Emma. “La importancia social de la Escuela Moderna”. In: GOLDMAN, Emma. “*La palabra como arma*”. - 1ª ed. - Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terramar, 2010.

prisão evidencia a crítica goldminiana à existência de uma escola baseada na disciplina e na uniformidade e que, por isso mesmo, acabava por ferir a individualidade dos discentes.

Ao dizer que a “*noción de que el conocimiento sólo se puede obtener en la escuela a través de ejercicios sistemáticos, y que el período escolar es el único en el cual el conocimiento puede ser adquirido*” (Idem) era absurda, Goldman, acabou por indicar que, em sua concepção, existiam outros ambientes, outros espaços de socialização, que também seriam potencialmente educativos, isto é, também seriam produtores de conhecimento. Para E.G., esse sistema que fazia com que os estudantes saíssem das faculdades recordando-se de palavras, mas sem saber nada, gerava um dano que reside em “*su jactanciosa afirmación de que representa la verdadera educación, esclavizando de ese modo a las masas a un gran consenso mucho más que lo que pudiera conseguir un gobernante absoluto*” (Ibid.; p.162).

Segundo E.G., “*los métodos educativos modernos son más necesarios en Norteamérica que en España o en otro país, ya que en ninguna parte existe tan escaso respeto por la libertad personal y la originalidad de pensamiento*” (Idem), pois, afinal, “*la uniformidad y la imitación es nuestro lema*” (Idem). Nesse sentido, muitos professores norte-americanos, em virtude desse modelo educacional, acabavam por “*en imponer sus conocimientos a los alumnos*, ignorando o reprimiendo sus instintivos anhelos de manipulación y belleza, y los arrastran o conducen a un mal denominado curso lógico, a unos apocopados ejercicios [grifo nosso]” (Ibid.; p.164). Nesse sentido, é possível perceber que E.G. ressaltou a importância que o corpo docente adquire na construção de uma educação libertária, pois, afinal, o professor não deve impor aos seus discentes um dado conhecimento. Percebe-se, por fim, que E.G. formulou uma crítica ao modelo que, posteriormente, Paulo Freire denominou como “*educação bancária*”.

A antítese a essa escola baseada na disciplina e uniformidade seria a Escola Moderna, pois essa “re-

15 Sobre a rebeldia, F.F. apontou que “o assunto é delicado e convém deixar claro: a rebeldia contra a opressão é simplesmente questão de estética, de puro equilíbrio. Entre um homem e outro não podem haver diferenças sociais [...] se elas existem, enquanto uns abusam e tiranizam, os outros protestam e odeiam. A rebeldia é uma tendência niveladora, e, portanto, racional, natural, e não quero dizer justa, porque justiça anda desacreditada com suas más companhias: a lei e a religião (FERRER, 2014, p.51).

podia completamente este pernicioso y verdaderamente criminal sistema educativo” (Idem). Segundo Goldman (Idem), na Escola Moderna, que é orientada para o livre desenvolvimento das potencialidades humanas, o professor:

En lugar de oponerse o mostrar autoritariamente sus propias opiniones, predilecciones o creencias, debe ser un instrumento sensible que responda a las necesidades de los niños sea como sea que se manifiesten; un cauce a través del cual el niño pueda acceder a los *conocimientos acumulados del mundo*, cuando se muestre predispuesto a recibirlos y asimilarlos [grifo nosso].

Como já mencionamos, a Escola Moderna era baseada, entre outras coisas, no princípio de coeducação dos sexos. Para a época, tal princípio era, em muitos aspectos, progressista. Entretanto, no artigo “*A necessidade do ensino misto*”, presente no livro “*A Escola Moderna*”, como também já apontamos, F.F. acabou por, em alguns momentos, reforçar uma visão essencialista em torno das mulheres. Por outro lado, E.G., em “*La importancia social de la Escuela Moderna*”, diz não somente da necessidade da coeducação dos sexos, mas, principalmente, da importância de uma educação sexual para os discentes.

Já nas primeiras páginas de “*Francisco Ferrer y la Escuela Moderna*”¹⁸, E.G. fez um regaste biográfico de Ferrer, salientando que mesmo ele sendo “conocido y amado por su pueblo” (GOLDMAN, 2010, p.145), “fuera de España sólo una culta minoría conocía la obra de Francisco Ferrer. Para el mundo em general, este maestro no existía” (Idem). Goldman percebeu que, somente em 1909, em virtude da prisão e assassinato de Ferrer, foi que o anarquista “se convirtió en una figura universal, provocando la indignación y cólera en todo el mundo civilizado contra el asesinato sin sentido” (Idem).

Já que na Espanha que assassinou Ferrer existia uma íntima relação entre o Estado e a Igreja Católica, E.G., no decorrer do artigo, também buscou ressaltar que “la muerte de Francisco Ferrer no fue el primer crimen cometido por el gobierno español y la Iglesia Católica. La historia de estas instituciones es un dilatado río de sangre y fuego” (Idem). Na narrativa biográfica que E.G. faz do anarquista espanhol, esse último apareceu como um “buscador de la verdad” (Ibid.; p.146), “un incrédulo [...] sino también un rebelde” (Idem) que, apesar dos perigos, teve a coragem de questionar a Igreja Católica e seu Deus.

A ida de F.F. à França, na narrativa de E.G., é colocada como algo de grande valor, pois foi ali que Ferrer viu o funcionamento da Escola Moderna “la cual jugaría un papel importante y a la vez fatal en su vida. La Escuela Moderna em Francia había sido fundada mucho antes de la época de Ferrer”¹⁹. Su creadora, aunque a menor escala, fue la [...] Louise Michel” (Ibid.; p.147). A essa altura, é importante ressaltar o fato de que no livro “*A Escola Moderna*”, F.F. não resgata a contribuição de Louise Michel e, na historiografia, tal fato também é negligenciado. É possível encontrar artigos que comentem rapidamente que, na França, F.F. teria entrado em contato com Paul Robin, mas quase nada é dito sobre Louise Michel. Nesse sentido, observamos um esforço por parte de E.G. de resgatar a contribuição que outras mulheres tiveram na construção do projeto da Escola Moderna que, em grande medida, foi um projeto construído coletivamente, visto que não só Ferrer, mas outros anarquistas teorizaram e praticaram uma educação libertária. Segundo Goldman (Idem):

Nuestra gran Louise sentía desde hacía tiempo que el futuro estaba en manos de las jóvenes generaciones; así, si el niño no era rescatado de esa institución que trituraba la mente y el alma, la escuela burguesa, los males sociales seguirían vigentes. Tal vez ella

pensara, con Ibsen, que la atmósfera se encontraba saturada de fantasmas, que los adultos tenían muchas supersticiones que superar. Tan pronto como se dejaba atrás las mortales garras de un espectro, he aquí que se hallaban esclavizados por otros noventa y nueve espectros. De este modo, sólo unos pocos podían alcanzar la cima de la plena regeneración.

Ao falar sobre a educação infantil praticada por Louise Michel, E.G., simultaneamente, evidenciou sua posição no que se refere ao processo de formação das crianças. Nossa pensadora, de fato, não foi a autora da famosa frase “não se nasce mulher, torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1949), mas, ainda sim, observa-se que na perspectiva de E.G. o processo de socialização é uma variável fundamental na definição do ser. Nesse sentido, ao falar sobre as crianças, Goldman apontou que “el niño, sin embargo, no tiene tradiciones que superar. Su mente no se encuentra embotada por ese conjunto de ideas, su corazón no se ha helado con las distinciones de clases y castas”.

Na narrativa de Goldman, outro personagem importante com o qual Ferrer entrou em contato em sua estadia na França foi Paul Robin. Ao comentar sobre a Escola organizada por Robin, em Cempuis, E.G. afirmou que sua criação teve mais a ver com questões ideológicas do que propriamente a proximidade de Robin com as teorias pedagógicas modernas, segundo E.G., “Paul Robin buscaba unos ideales más allá de las simples ideas modernas en la educación” (GOLDMAN, 2010, p.148). É devido a sua insatisfação com a sociedade e com “la concepción burguesa de la herencia” (Idem), que Robin decidiu criar sua escola. Segundo Goldman (Idem), o projeto de Robin, que buscava romper com as marcas que a herança de uma família deixava para as futuras gerações, se orientava a partir de “un adecuado medio económico y social, el aire y la libertad de la naturaleza, los ejercicios saludables, el amor y la simpatía y, sobre todo, un profundo conocimiento de las necesidades del niño”.

Como eram escolhidos os discentes da Escola de Cempuis? Para E.G., “Paul Robin no seleccionaba

a sus niños [...] Recogió a todos los sucios, inmundos y temblorosos pequeños vagabundos que su establecimiento podía albergar y los trajo a Cempuis” (Idem). E, após o contato com a escola libertária, “allí, rodeados por su propio orgullo natural, libres y sin restricciones, bien alimentados, limpios, queridos profusamente y comprendidos, las pequeñas plantas humanas comenzaban a crecer, a florecer, a desarrollarse” (Idem). Quando E.G. escreveu sobre os discentes da escola de Cempuis, visto que geralmente esses eram membros das camadas marginalizadas pela sociedade, a anarquista também realizou uma forte crítica a instituições como orfanatos e reformatórios, afirmando que esses eram sombrios e terríveis lugares “donde una benevolente sociedad oculta a sus víctimas con el objetivo de apaciguar sus conciencias culpables” (Idem).

Goldman também versou sobre outras experiências educacionais francesas que, em grande medida, influenciaram Ferrer. Entre elas estava a atuação pedagógica de Madelaine Vernet, “una talentosa escritora y poeta, autora de *l'Amour Libre*” (Ibid.; p.149) e a de “Sebastián Faure, con su *La Ruche, la cual visité mientras estaba en París en 1907* [grifo nosso]” (Idem).

E.G. ressaltou que Faure comprou um terreno e, pouco depois, levantou a *La Ruche* que, por sua vez, contava com “un extenso patio cuadrado, limitado por tres construcciones, y un amplio camino que conduce a los jardines y huertos, es lo primero que ve el visitante. El jardín, cuidado como sólo un francés sabe hacer, suministra una gran variedad de vegetales para *La Ruche*” (Idem). Para Goldman (Idem), Faure era da opinião que se uma criança está submetida “a influencias contradictorias, su desarrollo sufre las consecuencias. Sólo cuando las necesidades materiales, la higiene del hogar y el ambiente intelectual son armoniosos, puede el niño crecer como un ser saludable y libre”. Nesse sentido, é possível observar pontos comuns entre a proposta de Faure e a de Francisco Ferrer²⁰.

18 GOLDMAN, Emma. “Francisco Ferrer y la Escuela Moderna”. In: GOLDMAN, Emma. “*La palabra como arma*”. - 1ª ed. - Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terramar, 2010.

19 Nessa parte E.G. faz referência a Escola de Montmartre, criada por Louise Michel.

20 Nessa parte do artigo, E.G. adicionou um escrito de Faure que ver-

Muito provavelmente, E.G. ao trazer a trajetória de outros personagens que foram fundamentais para o desenvolvimento de uma teoria e prática de educação libertária, buscou mostrar que “Francisco Ferrer no pudo escapar a esta gran ola de las propuestas de la Escuela Moderna” (Ibid.; p.151). Nesse sentido, após ter decidido levar o projeto da Escola Moderna para a Espanha, Ferrer contou com o apoio financeiro de Mademoiselle Meunier. Muito provavelmente, sem a contribuição de Meunier, a construção da Escola Moderna de Barcelona teria sido, no mínimo, mais difícil. No momento de perseguição a figura de F.F., segundo Goldman (Idem), “se difundiera en los periódicos católicos norteamericanos que Ferrer había hecho uso de su intimidad con mademoiselle Meunier para acceder a su dinero”.

Novamente, ao ler os comentários de E.G. sobre a representação de F.F. e de sua relação com a Mademoiselle Meunier na esfera pública da época, é possível identificar parte de sua perspectiva sobre a condição da mulher naquela sociedade. A anarquista apontou que, particularmente, acreditava que “la intimidad, de cualquier naturaleza, entre un hombre y una mujer, es asunto sólo de ellos” e, por isso mesmo, “no dedicaría ni una sola palabra a este asunto, si no fuera una de las muchas viles mentiras que han circulado sobre Ferrer”. Para nossa personagem, a visão religiosa que, por sua vez, sexualizava a relação de F.F. e Meunier, isto é, que buscavam, em grande medida, representar F.F. como um “proveitador” de mulheres, tinha a ver com o fato de que os padres católicos sempre viram as mulheres como “un objeto sexual” (Ibid.; p.151-52) e, por isso mesmo, “¿Cómo, por tanto, pueden ellos entender la cooperación de un hombre y una mujer, si no es bajo unas premisas sexuales?” (Ibid.; p.152).

sava sobre sua proposta pedagógica, como também sobre o funcionamento de sua escola *La Ruche*. O escrito de Faure, por sua vez, tinha sido publicado na *Mother Earth*, isso ainda em 1907. Muito provavelmente, E.G. reproduz o escrito de Faure em seu trabalho na tentativa de fortalecer seu argumento, isto é, de comprovar quais eram de fato os princípios valorizados por Faure, como também com o intuito de divulgar a proposta do pensador.

Segundo F.F., como já mencionado, Meunier adere a seu projeto em virtude da “forte lógica” de seus argumentos, mas E.G. ressalta outra possível variável explicativa para a adesão de Meunier, afirmando que ela havia “desperdiçado su niñez y su adolescencia con un padre miserable y una sumisa madre” (Idem) e, por isso mesmo, “apreció fácilmente la necesidad del amor y del juego en la vida del niño” (Idem) compactuando, por fim, com o projeto de Ferrer. Além disso, E.G. ressaltou que, muito provavelmente, a Mademoiselle “debió ver que Francisco Ferrer era un maestro, no una institución, maquinaria o un productor de diplomas, sino dotado con un don [grifo nosso]” (Idem). Com isso, pode-se observar que, na perspectiva de E.G., o ambiente no qual uma pessoa é socializada pode, posteriormente, influenciar suas decisões. Ademais, é possível identificar uma crítica de Goldman em relação a uma educação que, basicamente, se resume a produzir diplomas.

Ao chegar na Espanha e fundar a Escola Moderna, F.F. tornou-se “un hombre marcado” (Idem), pois “desde el día de la apertura de la Escuela, fue vigilado” (Idem). Assim, E.G. relatou que os perseguidores de F.F. tentaram se aproveitar dos acontecimentos de 1906 e, posteriormente, de 1909, para o aprisionar. Ferrer, com a sua escola, desejava contribuir “a la causa de la libertad dando lugar a una joven generación que esté dispuesta a comenzar una nueva era” (FERRER apud GOLDMAN, 2010, p.152) e, evidentemente, tal fato não agradava o Estado e a Igreja Católica. Após a prisão de F.F., isso já em 1909, algumas de suas cartas escritas na fortaleza de Montjuic foram publicadas no *L' Humanité*. Goldman, em seu artigo, optou por descrever algumas passagens dessas cartas e, em uma enviada a sua esposa, Ferrer declarou “no hay motivo para atormentarse; sabes que soy absolutamente inocente” (Ibid.; p.153). Nossa personagem que, a essa altura, já tinha passado por vários processos judiciais e prisões declarou que F.F. e seus amigos “cometieran el terrible error de creer al enemigo con un sentido de justicia. Una y otra vez, ellos habían confiado en los poderes judiciales, sólo para

ver cómo sus hermanos eran asesinados frente a sus propios ojos.” (GOLDMAN, 2010, p.154).

Ainda dentro dessa perspectiva, ao descrever a relação entre F.F. e os acontecimentos de 1909, E.G. acaba por realizar uma análise crítica desses eventos. Como já mencionamos, nossa personagem era uma antimilitarista e, conseqüentemente, no texto aqui analisado, ela identifica na Semana Trágica “una protesta tan extraordinaria contra el militarismo” (Ibid.; p.153) e, por esse motivo, tal agitação foi vista com bons olhos por Goldman. Mas, ainda assim, E.G. afirmou que (Ibid.; p.155):

Por otro lado, está absolutamente demostrado que el levantamiento antimilitarista no estaba organizado; que el mismo surgió de repente incluso para el propio pueblo, de manera similar a las grandes olas revolucionarias de ocasiones anteriores. El pueblo de Barcelona, de hecho, tuvo la ciudad bajo su control durante cuatro días y, de acuerdo con las declaraciones de los turistas, nunca había prevalecido un orden y paz mayor. Por supuesto, el pueblo estaba tan escasamente preparado que, cuando llegó el momento, no sabía qué hacer.

Por fim, a desorganização, bem como a espontaneidade daqueles movimentos foram utilizados como uma forma de argumentar que, de fato, F.F. não seria o mentor por trás daquelas agitações, segundo E.G. (Ibid.; p.156) “puede alguien suponer por un momento que un hombre como Ferrer podría vincularse con tal espontánea y desorganizada tentativa? ¿No sabría que la misma tendría como resultado un fracaso, un desastroso fracaso para el pueblo?” (Idem). Além dessas colocações, Goldman apresentou outros fatores que indicariam, na sua visão, a não classificação de F.F. enquanto mentor intelectual daquele movimento.

Para a anarquista, o próprio comprometimento de F.F. com as ações referentes à Escola Moderna o impossibilitaria de ter tempo para organizar tal ação política e, além disso, “el mismo día del levantamiento

to, el veinticinco de julio, Ferrer había convocado a una conferencia a los profesores y miembros de la Liga de la Educación Racionalista” (Idem) e, por isso mesmo, “¿Es del todo concebible, plausible, que Ferrer, teniendo conocimiento de la rebelión, formando parte de ella, pudiera con sangre fría invitar a sus amigos y colegas a Barcelona el día en que sabía que sus vidas podrían estar en peligro? *Seguramente, sólo la mente criminal y viciosa de un jesuita podría dar crédito a tal homicidio deliberado* [grifo nosso]” (Idem).

Para E.G., Francisco Ferrer não foi um homem perigoso em virtude de sua possível participação nos eventos de 1909, mas sim devido sua oposição “a la disciplina y la restricción” (Ibid.; p.159) e, precisamente, era a oposição ao autoritarismo que fazia de F.F. um inimigo da Igreja e do Estado Espanhol e, assim, o processo decidiu que F.F. “tenía que morir, el 13 de octubre de 1909, en los fosos de Montjuic” (Idem). Mas, diante do assassinato de F.F. inúmeros projetos foram criados, vários países se uniram “para perpetuar la gran labor de Francisco Ferrer” (Idem) e, por isso mesmo, a essa altura, “¿quién puede decir que Ferrer murió en vano?” (Idem).

Considerações finais

A análise crítica dos artigos aqui selecionados, sendo eles o “Francisco Ferrer y la Escuela Moderna” e o “La importancia social de la Escuela Moderna”, procurou exemplificar a complexidade do pensamento intelectual de Goldman. Nossa personagem, para fortalecer seus argumentos, mobilizou diferentes autores e periódicos, se mostrando como uma figura inserida em dado ambiente intelectual e que, por isso mesmo, era capaz de se apropriar, resignificar e criar diferentes perspectivas. Ademais, se percebe dada autenticidade em seu pensamento, visto que E.G. não simplesmente reproduziu uma certa ideologia ou proposta pedagógica e, nesse sentido, ela, de fato, acabou por realizar uma análise crítica, pois, por mais que exista a valorização por parte de E.G. em relação ao projeto

racionalista libertário de F.F., ainda sim, nossa personagem acrescenta, por exemplo, a importância de que a Escola Moderna ofereça uma educação propriamente sexual para os discentes.

Outro ponto que merece ser destacado, diz respeito ao fato de que, mesmo quando E.G. escreve sobre a proposta intelectual e a atuação política de F.F., a perspectiva de gênero se faz presente, visto que ela não só resgatou a contribuição feminina para o desenvolvimento da educação libertária, como também, paralelamente, acabou por tecer críticas à forma como a Igreja e demais instituições enxergavam as mulheres naquela época. E, portanto, como bem apontou Blanchette (2011, p.288) “Goldman nunca endeusou qualquer ideologia a ponto de perder de vista as políticas cotidianas que Foucault, mais tarde, rotularia de *controle e disciplina*” e, dessa maneira, E.G. “não só se preocupava com a luta de classes e as políticas de massa, como também enxergava as inúmeras maneiras com que o poder invade a vida cotidiana, condicionando mentes, corpos e almas” (Idem).

Já no que se refere à proposta pedagógica racionalista – libertária esboçada na obra “*A Escola Moderna*” é extremamente interessante pensar que, ainda na modernidade, F.F., E.G., Faure, Louise Michel, Paul Robin, Madelaine Vernet, entre outros personagens conhecidos e desconhecidos, foram capazes de, entre outras coisas, criticar, ressignificar e criar formas novas de existência e resistência. Por fim, ressaltamos a importância de se fortalecer uma formação profissional e uma prática educacional realmente democrática, libertária, pois, como bem demonstrou Paulo Freire: “quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor”.

Referências Bibliográficas Básicas

- BEAUVOIR, Simone. “*O Segundo Sexo: A Experiência Vivida*”. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980.
- _____. “*O segundo Sexo: Fatos e Mitos*”. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980.
- BIANCHI, Bruna. “El pensamiento anarcofeminista de Emma Goldman”. In: “La mujer más peligrosa del mundo: textos feministas de Emma Goldman: textos feministas de Emma Gold-

- man”. Edición: LaCongregación [Anarquismo em PDF], Portada: Reybum, 2009.
- BLANCHETTE, Thaddeus. “Emma Vermelha e o espectro do ‘tráfico de mulheres’”. *Cad. Pagu* [online]. 2011, n.37, pp. 284-297. ISSN 0104-8333. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332011000200012>>. Acesso 10/06/2018>.
- DOMMANGET, Maurice. “*O racionalismo combatente de Francisco Ferrer Y Guardia*”. Rio de Janeiro: Ed. Imaginário, 2003.
- DRINNON, Robert. “*Rebel in Paradise: A Biography of Emma Goldman*”. Chicago, University of Chicago Press, 1961.
- FALK, Candace. “*Love, Anarchy, and Emma Goldman*”. New York, Rinehart and Winston, 1984.
- FERRER, Francisco: “*A Escola Moderna*”. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2014. 160p.
- FOUCAULT, Michel. “*A Microfísica do poder*”. São Paulo: Paz e Terra, 2014. 432 p.
- _____. “*Vigiar e punir: nascimento da prisão*”. São Paulo: Vozes, 2014. 296 p.
- GALLO, Silvio. “Educação e liberdade: a experiência da Escola Moderna de Barcelona”. *Pro-Posições – Revista da Faculdade de Educação da Unicamp*, v. 3, n. 3[9], p. 14-23, dez. 1992.
- _____. “*Pedagogia libertária – anarquistas, anarquismos e educação*”. São Paulo: Imaginário; Manaus: EDUA, 2007.
- _____. “*Pedagogia do risco – experiências anarquistas em educação*”. Campinas: Papyrus, 1995.
- _____. Francisco Ferrer Guardia: o mártir da Escola Moderna. *Pro-Posições*, Campinas, v. 24, n. 2, p. 241-251, ago. 2013.
- GOLDMAN, Emma. “*Dos años en rusia: Diez artículos publicados en The World; Traducidos y editados por Aurora (revista quincenal), New York, 1923*”. Barcelona, Palma Mallorca: Pequeña Biblioteca Calamvs Scriptorivis, 1978, p.67.
- _____. “*La palabra como arma*”. - 1a ed. - Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terramar, 2010.
- _____. “*Minha desilusão na Rússia (Vol. 1)*”. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2017. 254 p.
- _____. “*Minha desilusão na Rússia (Vol. 2)*”. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2018. 176 p.
- _____. “*O Indivíduo, a Sociedade e o Estado, e outros Ensaio*”. São Paulo: Hedra, 2007. 144p.
- _____. “*Vivendo minha Vida*”. Curitiba: L-Dopa Publicações, 2015. 712 p.
- HELLER, Agnes. “*O Cotidiano e a História*”. São Paulo: Paz e terra, 2008.
- IGGERS, Georg. “Desafios do século XXI à historiografia”. *História da Historiografia*. Ouro Preto, n. 4, março, 2010, p. 105-124.
- LEJEUNE, Philippe. “*O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*”. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- LENOIR, Hugues. “*Autogestão, Pedagogia e Educação Popular: A contribuição dos anarquistas*”. São Paulo: Intermezzo, 2017.
- LOBO, Elisabeth Souza. “*Emma Goldman — A vida como Revolução*”.

São Paulo, Brasiliense, 1983.

- LUIZETTO, Flávio Venâncio. “*Presença do anarquismo no Brasil: um estudo dos episódios literário e educacional: 1900-1920*”. Tese (Doutorado) – UFscar, São Carlos, 1984. 341 p.
- MORAES, Jose Damiro de. “*A trajetória educacional anarquista na Primeira Republica: das escolas aos centros de cultura social*”. 1999. 67f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP.
- PEDRO, Joana Maria. “Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea”. *Revista Topoi*, v.12, n.22, jan-jun 2011, pp. 270-83.
- PERROT, Michelle. “*Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*”. Paz & Terra, 2017.
- RAGO, Luzia Margareth. “*Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930*”. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- _____. “Foucault e as artes de viver do anarco-feminismo”. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo. (Org.). “*Figuras de Foucault*”. 01ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, v. 3000, p. 165-175.
- _____. “Prefácio à Emma Goldman: tráfico de Mulheres”. *Cad. Pagu* [online]. 2011, n.37, pp.263-271. ISSN 0104-8333. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332011000200010>. Acesso: 12/11/2017.
- RICHTER, Liane Peters. “*Emancipação feminina e moral libertária: Emma Goldman e Maria Lacerda de Moura*”. 1998. Dissertação de Mestrado. Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.
- SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99. <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1210/scott_gender2.pdf>. Acesso: 12/11/17.
- SHULAMAN, Alix Kates. “La mujer más peligrosa del mundo”. In: “*La mujer más peligrosa del mundo: textos feministas de Emma Goldman: textos feministas de Emma Goldman*”. Edición: LaCongregación [Anarquismo em PDF], Portada: Reybum, 2009.
- SKINNER, Quentin. “Meaning and understanding in the history of ideas”. *History and Theory*, vol. 8. N. 1, 1969.
- SOLÁ, Pere. “*Las escuelas racionalistas en Cataluña*”. 2. ed. Barcelona: Tusquets, 1978.
- TRAGTENBERG, Maurício. “Francisco Ferrer e a pedagogia libertária”. *Educação e Sociedade – CEDES*, Campinas, n. 1, 1978.
- WEXLER, Alice. “*Emma Goldman: An Intimate Life*”. New York, Pantheon Books, 1984.
- _____. “*Emma Goldman in Exile: From the Russian Revolution to the Spanish Civil War*”. Boston: Beacon, 1989. 301 p.